

Entrevista com Mestre Camisa

Interview with Mestre Camisa

Matthias Röhrig Assunção

Doutor em História – Universidade de Essex

Cinézio Feliciano Peçanha

Doutor em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)¹

No dia 10 de setembro de 2018, Mestre Camisa, de nome completo José Tadeu Carneiro Cardoso, concedeu uma longa entrevista, de quase quatro horas, ao Mestre Cobra Mansa e ao Dr. Matthias Röhrig Assunção no âmbito do projeto “Capoeira contemporânea no Rio de Janeiro, 1948-82”.² A entrevista aconteceu no Centro Educacional Mestre Bimba, uma fazenda no município de Cachoeiras de Macacu, estado do Rio de Janeiro, onde Mestre Camisa organiza oficinas e eventos do grupo ABADÁ-Capoeira. A entrevista foi filmada por Toninho Muricy e transcrita por Geisimara Mattos. Em seguida, Matthias Röhrig e a editora Beatriz Salgado escolheram trechos relevantes para um clipe-documentário lançado junto com esse dossiê.³ Os trechos que reproduzimos aqui concentram-se na biografia do mestre, principalmente em sua vinda para o Rio de Janeiro, no início de sua carreira na cidade, nas rodas de capoeira que existiam então e em outros comentários sobre a capoeira que achamos ser de grande relevância para os capoeiristas e pesquisadores interessados nessa fase crucial da história da capoeira.

¹ Mestre Cobra Mansa (Kilombo Tenondé).

² Esse projeto recebeu patrocínio do Arts and Humanities Research Council (AHRC), ao qual agradecemos pela oportunidade de coordenar essa pesquisa, entre 2018-2020. Para mais detalhes sobre o projeto, colaboradores e consultores, ver www.capoeirahistory.com.

³ O clipe está disponível em: <https://youtu.be/K40GHKVHm54>. Acesso em: 4 fev. 2022.

Mestre Camisa: Na capoeira eu sou Mestre Camisa, me sinto como Mestre Camisa. Meu nome é José Tadeu Carneiro Cardoso, 63 anos. Nasci na Chapada Diamantina, no distrito de Jacobina, no sertão da Bahia. Moro no Rio há 46 anos; em [19]72 pra [19]73, vim pra cá, e minha vida profissional com capoeira é no Rio de Janeiro.

Na realidade, eu saí de Salvador com o espetáculo folclórico de culturas populares baianas, danças; capoeira era o carro-chefe, mas tinha várias manifestações.

Grupo Olodumaré

Mestre Camisa: O grupo, o nome do grupo era Oludumaré. O Oludumaré, todo ano ele montava um espetáculo, e esse espetáculo era “Furacões da Bahia”. Era um espetáculo de 40 pessoas. O espetáculo tinha samba de roda, puxada de rede, capoeira, maculelê, candomblé, trio elétrico, dança de caboclo, samba de caboclo, samba de roda, samba duro... Tinha maracatu, várias manifestações, tinha caboclinho, navio negreiro, muitas manifestações. Aí nós rodamos o Nordeste todo, depois pro Sul, todo o Sul, depois o Sudeste, temporada em todo o Sudeste, Minas Gerais, São Paulo, enfim, e por último foi o Rio. Chegamos no Rio, fizemos a temporada na maior casa de *show* da época, que era o Canecão. Fizemos uma temporada, depois o Teatro da Praia, Teatro Opinião, depois rodamos o estado do Rio, as cidades, Friburgo, Niterói, essas cidades todas aí, ficamos no Rio. Daí um empresário alemão gostou do espetáculo, contratou o espetáculo pra ir pra Europa. Ele achava que tinha que mudar algumas coisas pra ser um espetáculo internacional, e mudar o nome, fazer um nome mais comercial, botou o nome “Brasil Tropical”. Então o Oludumaré passou a se chamar, a ser, Brasil Tropical. Ele acrescentou vários números no espetáculo. Eu, como era menor, e meu irmão que era o diretor, que era o dono do grupo da companhia, achou que eu tinha que voltar, e aí eu tinha algumas razões pra ficar aqui. Resolvi ficar, porque ia ter um projeto de Mestre Bimba ir embora pra Goiás. A minha mãe também tinha falecido, [eu] já tinha perdido meu pai antes, com nove anos, e achei que ficou um pouco... Meu irmão mais velho também, que era um grande capoeirista, na época ele que cuidava da gente na morte do meu pai. Eu achei que eu ia ficar na Bahia meio perdido, né? Como eu me identifiquei com o Rio de Janeiro, com a cultura, com o povo, com as praias... umas coisas assim, parecido um pouco, já tinha rodado o Brasil inteiro, achei que o Rio de Janeiro era o lugar ideal pra eu ficar. Aí resolvi ficar.

Rasguei minha passagem, fiquei.

Chegada ao Rio de Janeiro

Mestre Camisa: E aí, com a decisão, eu fiquei e enfrentei todo tipo de dificuldade, mas quem tem objetivo sabe o que quer e não pode reclamar. Então fiquei, tô até hoje. E aí eu aproveitei e rodava as capoeiras todas no Rio de Janeiro. Nós fizemos o primeiro espetáculo no Canecão, onde tinha a Associação dos Servidores, onde o grupo Senzala dava aula. E o grupo Senzala, eu já conhecia a maioria dos componentes e os fundadores, que eu sempre... são baianos, e muitos iam treinar no Mestre Bimba, conheciam a capoeira da Bahia.

Matthias Röhrig Assunção: É o Rafael Flores?

Mestre Camisa: Rafael Flores e Paulo Flores. Dois fundadores, e outros alunos... Paulo, como o Cláudio, o Danadinho de Brasília, o Hélio, o Raxe [ininteligível], muitos deles iam pra Bahia treinar no Mestre Bimba no final de ano, nas férias, conhecer, ia nas rodas, Camisa Roxa que levava essas pessoas. Eu conheci e passei a frequentar as rodas deles aos sábados e nos domingos. Sábados também eu rodava na roda de Artur Emídio, na roda do Zé Pedro... Essas rodas todas do Rio de Janeiro, né? Conheci a capoeira do Rio de Janeiro, e muitos iam assistir o espetáculo. O espetáculo era bem divulgado, nos jornais saía, e em todos os programas de televisão. Então ficou muito conhecido, todo dia tinha capoeirista e pessoas assistindo o espetáculo. E convidava pras rodas e assistir o espetáculo mais de uma vez, o espetáculo era muito bonito. E aí eu fui conhecendo os capoeiristas e comecei a frequentar as rodas do Rio de Janeiro, essas rodas principais, que era a roda de Artur, a roda de Zé Pedro, a roda da Central, do carnaval, depois a roda de Caxias, um tempo teve a roda na Feira de São Cristovão, a roda da Quinta da Boa Vista, umas rodas que foram acabando assim. E as academias também, a academia do Celso, do Artur, dos que davam aula, né? Eu queria conhecer a capoeira, como também ao mesmo tempo eu queria conhecer o samba e a cultura. Fui em todos os sambas, fui nos candomblés, nos terreiros de umbanda, queria conhecer, conhecia pouco de umbanda, é mais o candomblé, depois a escola de samba, os pagodes, né?

Primeiras aulas no RJ

Mestre Camisa: Vou voltar um pouco a história... Quando eu fiquei no Rio, fiquei

com as diárias pagas em uma daquelas hospedarias. Meu irmão alugou uns hotéis, umas hospedarias, essa coisa toda, 40 pessoas, crise, difícil, uns dias pagos. O dinheiro acabou, fiquei dormindo na praia, dormi na rua, dormi na rodoviária, dormi dentro de ônibus, depois fiquei de favor. Conheci um nordestino que morava numa casa de cômodo, num quartinho. Eu dormia de madrugada, entrava e saía de madrugada, voltava, a dona não podia saber que eu tava dormindo ali, aquela dificuldade. E aí tinha uma academia em Laranjeiras, onde tinha essa casa de cômodo lá onde eu morei. E aí tinha aula de judô, o Maranhão era tocador de berimbau que disse que podia dar aula de capoeira lá e permitiu pra dar aula. Aí depois eu perguntei se podia dormir na academia, aí ele falou: “Pode”. Aí eu dei aula, aí eu comecei a dar aula na rua Cardoso Júnior, nº 16, Laranjeiras, academia de judô. Tava nas atividades, e aí comecei a dar aula e dormir lá.

Maranhão era cantor, tinha um conjunto musical, e toca muito bem berimbau e canta muito bem. E ele fez *show* com Camisa Roxa, fez amizade, viajou pra Argentina, fez *show*, participou do grupo aqui. Então ele conhecia meu irmão, fui lá então, e foi fácil lá dar aula. O primeiro aluno foi um gaúcho que assistiu um *show* no Rio Grande do Sul, irmão do Haroldo, que é o Cláudio Moreno, meus primeiros alunos lá. Comecei a dar aula lá mais ou menos um ano, e dava aula sábado e domingo, feriados, porque sábado, domingos e feriados era dia de mais tristeza, solidão, aí eu pedi pra dar aula sábado. Liberaram! Depois pedi o domingo, liberaram! Aí eu dava a semana inteira e sábado e domingo. Fazia uma roda lá na academia, e a roda aos sábados do grupo Senzala, e domingo as rodas pelo Rio. Fui pra academia SAGA, que é no Largo do Machado. Daí comecei a dar aula nesses três lugares e fui aumentando os horários. Fiquei, de forma que passei a fazer parte do grupo Senzala. Isso era em [19]73, [19]73 até [19]86. Tinha espetáculo também, dava aula de maculelê, fazia várias coisas assim. Eu vinha de grupo folclórico também, então fazia algumas coisas, espetáculos. Montei alguns *shows*, fazia exposições.

Circo Voador

Mestre Camisa: Isso em [19]82, inaugurei o Circo Voador no Arpoador, e lá no Circo Voador eu montei um espetáculo: *Cantos e Danças da Terra*. Esse *Cantos e Danças da Terra* tinha maculelê, capoeira, samba de roda, puxada de rede, jogo de pau, jogo com facão, jogo com chicote, jogo de navalha, e montei um grupo com meus alunos.

Eu tinha dois alunos, que também eram atores, que ajudavam muito: Chico Dias e Cláudio Baltar. O Parafina e Bem-Te-Vi. Os dois, e depois o Raul Gazolla. Então, esse espetáculo eu montei, e inauguramos no Circo Voador com outros artistas. Não à toa, o *show* fez muito sucesso, foram três espetáculos por noite. E aí o público começou a reclamar, a vizinhança do Arpoador, acabou o circo ser voador e voar. Viajamos pelo Maranhão, viajamos pelo Brasil, depois foi pra Lapa, acho que em [19]84. Era o Perfeito Fortuna, fomos para lá. E aí, o Circo foi pra Lapa, e aí comecei a fazer meus eventos na Lapa. Foi uma parceria, começou no Arpoador. Aí passei a realizar os batizados, encontros, *shows*, espetáculos no Circo Voador, fiz muitos anos. Lá fiz muitos encontros. O primeiro grande evento foi em [19]84, com Perfeito Fortuna, nós conseguimos... Eu montei o evento com nome "Pé Quente, Cabeça Fria" numa época que a capoeira precisava daquela coisa... Então era capoeira quente, mas com a capoeira fria. Foi o Primeiro Encontro Nacional da Arte Capoeira, tratar a capoeira como arte. Aí convidamos as principais lideranças do Brasil, dos estados que têm tradição na capoeira. Os convidados, convidamos o Brasil inteiro, principalmente da Bahia. Toda a velha-guarda foi, conseguimos patrocínio, apoio, financiamento pra tudo. O primeiro, acho que foi em [19]68, [19]69, o Simpósio teve um número representativo, mas não conseguiu reunir tanta velha-guarda do Rio de Janeiro como do Brasil e da Bahia, principalmente, lá no Circo Voador em [19]84. Então foi um encontro que o nome, a organização, as atividades, convite pras pessoas, eu fiz, na realidade, em [19]84 – eu tinha 33 anos, se não me engano. Mas eu tinha na cabeça que era importante reunir todos os segmentos da capoeira para se discutir, se apresentar e jogar. Tinha o momento das apresentações, das palestras, dos debates e das rodas. Então tinha rodas até de madrugada. Esse encontro foi um encontro marcante, acho que foi um divisor. Depois daquele encontro, a capoeira tomou rumos, todos saíram com uma visão muito mais ampla da capoeira. Tanto o pessoal da capoeira da regional quanto da angola. Parece que acrescentou a todo mundo esse encontro, né? Depois desse, teve outros que eu fiz, o Internacional, Capoeira e Samba, vários.

Mestre Cobra Mansa: A capoeira é samba.

Mestre Camisa: Isso, tivemos também, que fizemos já no sambódromo, que também vieram bastante mestres da velha-guarda. Minha primeira turma, que eu formei, foi em 1977. No centro de capoeira Senzala, eu formei três alunos. Cláudio Moreno, Arara e Mula. Eles foram meus alunos em 1977, eu formei eles. Depois eu formei Nagô e Capixaba em 1980 e... Se não me engano [19]82, [19]84, [19]82... Tinha uma

metodologia diferente de seguir o sistema, era uma capoeira mais influenciada pela capoeira regional. Embora uma coisa mais aberta, cada um fazia do seu jeito, mas tinha influência bastante da capoeira regional, e teve influência também da capoeira angola, mas a influência maior é do Mestre Bimba.

A Federação de Capoeira

MCM: E a Federação [do Rio de Janeiro] não tinha essa influência?

Mestre Camisa: A Federação pegava todo mundo, qualquer um. Não interessava qual era o grupo ou não. Se filiasse à Federação, tava filiado. Não interessa o estilo. Federação de Capoeira. A característica, o estilo, o uniforme, graduação... Depois, sim, passaram a usar o sistema de graduação da Federação, mas o tipo de capoeira, [era] todos.

MCM: Mas vocês, isso que eu quero colocar, vocês tinham seu sistema, e quase todo mundo resolveu adotar o sistema da Federação. Mas vocês resolveram manter.

Mestre Camisa: Queriam colocar o tênis no começo. Nós jogávamos de pés descalço, tinha o tênis. Um dos lados, quando era da Federação de Pugilismo, tinha aqueles campeonatos. De campeonatos, o grupo Senzala participou de vários daqueles campeonatos. Depois queriam botar o campeonato, tinha um projeto de um brigadeiro lá, sei lá quem era, botar capacete, botar umas coisa pra competir, aquelas coisa estranha, então não aceitava, não concordava em fazer, em participar, né? Então ficamos à parte.

MCM: Mas as competições vocês participavam?

Mestre Camisa: Não cheguei a competir, não.

MCM: O senhor não competiu.

Mestre Camisa: Foi em algumas competições. Alunos meus competiram.

MCM: Ah, alunos do senhor competiram. Entendi.

Mestre Camisa: Depois teve os campeonatos universitários, que todos segmentos participavam também aqui no Rio. Meus alunos participavam porque passaram a estudar na universidade e a ganhar bolsa, e tentavam a bolsa competindo, então... Queriam competir pra tentar bolsa na UNISUAM [Centro Universitário Augusto Motta], na Gama Filho, em várias faculdades.

MRA: Ganhava uma bolsa se ganhava o campeonato?

Mestre Camisa: Cada faculdade, Santa Úrsula, a maioria particulares, os alunos estudavam, UERJ [Universidade do Estado do Rio de Janeiro] participava, UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro], essas públicas e particulares. Passavam pras particulares, montavam uma equipe e competiam, e muitos deles ganhavam uma bolsa. Muitos deles ganhavam uma bolsa pra competir com o nome da faculdade, UNISUAM, a Gama Filho, a Estácio de Sá, Santa Úrsula, várias. Passei pra UFRJ, UERJ, Federal Fluminense, todas participavam desses campeonatos universitários, aí acabou, foi desgastando, o modelo não era muito adequado, e foram acabando. Eles foram vendo que o público ia, enchia no primeiro, no segundo, metade do terceiro, metade da metade, foi perdendo credibilidade. E o capoeirista mesmo se machucava, e tudo, não provava e nem divulgava capoeira. Então foi bom ter acabado. Pra mim. Foi um laboratório pro capoeirista, mas não foi bom pra capoeira. Aí, depois de muitos anos, comecei a botar os Jogos [do Abadá], achei que era uma competição que parece mais com capoeira. Tem bandeira, apito, levantava, “pru” [faz o som do apito], o juiz no meio assim, eu achava que aquilo não era capoeira. Aí eu comecei a tentar fazer umas competições, chamava “Jogos”. Tinha que jogar em vários ritmos, cantorias diferentes, tem só “iê” e não tem juiz no meio, e uma mesa de jurado lá longe olhando, então uma roda normal como a capoeira. Então o que mais parece uma roda original de capoeira, sempre foi competição. Então é uma roda de capoeira julgando os aspectos que tem que tocar, tem que cantar, tem que jogar em vários ritmos, então isso parecia mais a capoeira, pra motivar o capoeirista a continuar treinando com motivos, não só de jogar nas rodas.

A evolução da capoeira no RJ

Mestre Camisa: Numa época, as rodas também foram parando, as rodas ficaram um pouco agressivas também por algumas razões de competição. A capoeira foi se tornando uma profissão, nego vivendo de capoeira, mercado de trabalho, foi uma coisa assim. Foi uma fase que a capoeira passou que as rodas foram se enfraquecendo, pela falta de lideranças também. As grandes rodas que sobreviveram tinham liderança. Com muitos jovens se formando cedo, começaram a formar mestres com pouca idade, e com pouca experiência passaram a fazer roda e a liderar grupos, mas sem liderança, de experiência de vida, e nem com fundamentos de capoeira. Aí a coisa foi desandando, as rodas foram se enfraquecendo, sobreviveram poucas. Não era pancadaria, era roda de jogo duro, jogo lutado, jogado, sempre teve na capoeira, em

todas as rodas, era falta de liderança mesmo.

MRA: De liderança, o quê? De impor quando parar ou...?

Mestre Camisa: Quando parar, até onde vai, quando começar, quando parar, quando recomeçar, até onde vai, fundamentos de capoeira pra controlar, lideranças, respeito, entendeu? Então ficou uma coisa assim muito competitiva em todos os aspectos, então... Capoeira, todas as rodas de capoeira que funcionaram na história da capoeira tinham liderança, tinha um líder com experiência liderando. Todas! Principalmente na Bahia. Então eu acho que todas essas rodas contribuíram mais pro capoeirista e menos pra capoeira. Porque eu acho as rodas principais, as rodas [que] contribuíram mais pra história da capoeira foram as rodas dos grandes mestres, que tinham maior liderança. E, quando foi perdendo as lideranças, elas contribuíram para exercitar o capoeirista, mas tiveram muitos problemas e atrapalharam de alguma forma a capoeira. Serviu pra treinar o capoeirista, mas a imagem da capoeira pra sociedade... Tiveram alguns conflitos, problemas que não foi bom pra capoeira. Disputas de lideranças, e impor rituais e fundamentos de cada um, então isso atrapalhou demais, criou discórdia. E é pública, passa todo tipo de gente assistindo. Muitas vezes, a imagem que não foi boa, não ficou uma boa imagem pra capoeira. Agora, como exercício para o capoeirista, isso foi muito bom. Nem sempre tudo que é bom pra capoeira é bom pro capoeirista. Nem sempre o que é bom pro capoeirista é bom pra capoeira. As rodas, por exemplo.

MRA: Por isso essas rodas de rua, de uma certa maneira, como a de Caxias, elas acabaram, né?

Mestre Camisa: Foram acabando aos poucos.

MRA: Elas acabaram nesse período da década de [19]70, [19]80, né?

Memória das rodas

Mestre Camisa: Falharam, voltaram, ficou assim, periódico, depois foram voltando por algumas razões. As pessoas se encontram, vamos voltar, encontrando, vamos levantar a roda. Vamos voltar a nostalgia, voltaram. Elas tiveram intervalos, essas rodas todas também, por falta de liderança (as rodas famosas). É a crítica que eu faço às rodas. Roda de tal, roda da Central (famosa!), roda de Caxias (famosa!), roda não sei da onde, às vezes você vai lá [e] tem quatro pessoas tocando, cinco, seis, três tocan-

do, um cachorro no meio passando... No outro dia tem 30, excelente! Roda da Central foi quase ninguém, no outro dia o pau canta, acabou a roda. Aí você fala: “Puxa, uma roda, eu fui lá tinha quatro pessoas”, era assim. Quando tem um líder, ele convida, ele atrai e convida muita gente, entendeu? A roda do Mestre Waldemar, antes de começar tinha uma conversa. Tava lá nego sentado, ia chegando, chegando, chegando, e chega fulano, e chega sicrano, e tal. E a roda, pra começar, ainda tinha uma roda antes de começar a roda, tá entendendo? Então essas rodas foram enfraquecendo porque não havia uma liderança, nem uma administração. Elas eram muito boas quando acontecia a presença de muita gente, né?! Quantas rodas de São Cristovão, tem dia que, oh, rapaz.... No outro final de semana, nego não podia ir por uma razão, e não podia ir, e outro viajou, e o outro não sei o que, e o outro não pode ir – ainda mais ensino profissionalizante, dando aula, seus compromissos, e tudo aí que ficou difícil, tá entendendo? E às vezes as disputas ficaram mais acirradas, e aí, sem uma liderança, como é que vai? Só ia mesmo quem tava a fim de esquentar o pé ou a cabeça.

MCM: Tinha uma roda que o senhor gostava de frequentar mais ou menos, qual era?

Mestre Camisa: Acho que todas. Acho que talvez a que eu tenha frequentado mais era a do Zé Pedro, se eu não me engano.

MCM: O que atraiu o senhor pra ir lá pra roda do Zé Pedro?

Mestre Camisa: Acho que aí dava mais gente e mais capoeirista, entendeu? Pelo menos eu acho que era a que dava mais gente de diversas idades e todo tipo de capoeirista, era lá, entendeu? Ali jogaram todos os capoeiras, do Rio de Janeiro eu vi jogar todos ali, os mais velhos todos iam lá, todo segmento, não tinha negócio de divisão de nada. É capoeira, cada um jogava do seu jeito, se expressava dentro do seu conhecimento.

MCM: Como que era o ritmo, o senhor lembra assim?

Mestre Camisa: O ritmo sempre liderado pelos mais velhos, mas mais ou menos Zé Pedro que tocava, gostava de cantar, era cantador, então ele liderava... Todo mundo chegava e tocava. Se tinha conhecimento, e era uma pessoa com uma certa liderança e conhecimento, não tinha que dizer quem que não toca, todo mundo tocava, era uma coisa livre. O grupo Bonfim é um grupo tradicional, grupo Bonfim é um grupo, Artur Emídio, grupo Senzala, são grupos antigos.

MRA: Esses eram os três grupos mais fortes então naquela época?

Mestre Camisa: Eu não digo se eram mais fortes, mas uns grupos que tinham já um nome, uma coisa assim, não é, que tinha sua roda já tradicional, essa coisa toda, né? E os mestres aí todos tinham sua roda no dia a dia, mais marcantes assim, essa roda do Bonfim também tinha. Isso é uma coisa importante que é tradição na capoeira: roda tem que ter liderança, seja fechada ou aberta, na rua ou em recinto fechado, tem que ter liderança. É uma tradição, e isso faz parte da história da capoeira. Levar capoeiristas só pra jogar capoeira, não vai ter como manter os fundamentos, e a liderança é um dos fundamentos da capoeira. Alguém tem que liderar pra manter esses fundamentos, se não cada um impõe do seu jeito, e você chega no lugar, você tem que obedecer os fundamentos daquele lugar, dentro dos fundamentos da capoeira daquele lugar e daquele mestre.

Apelidos na capoeira

Mestre Camisa: Era um ritual de passagem, de iniciação, que por acaso o nome é batizado.

MCM: Você passava de um estágio pra outro estágio?

Mestre Camisa: Iniciante. Adquiria um apelido, uma coisa assim, ligado a você, ligado à sua profissão, ligado à sua personalidade, ligado ao seu biótipo, ligado à região que você mora. Se é de Itabuna, se é de Cachoeira. "Ô Cachoeira, ô Santo Amaro". Eu, Camisinha, por causa de Camisa Roxa, Camisa Segundo, Camiseta, Camisinha.

Toninho Muricy: Que tanta camisa era essa na sua casa?

Mestre Camisa: Porque se fosse outra coisa... se fosse fruta, ia ter um bocado de fruta.

MCM: Coco, Coqueirinho.

Mestre Camisa: Coco, Coqueirinho, Cocada... Ficou Camisa, fazer o quê? Então é assim. Não tem sentido pejorativo, não tinha sentido de nada, é engraçado. Se ele achasse que o cara não gostava, e tal... depende, ele podia ver ou não. Depende da situação.

MCM: Como Cafuné, que era apelido dele.

Mestre Camisa: Que dizia que ele era tímido, fazia cafuné, e tal. Foi bom pra ele ou podia ser ruim. Botava o cara Leão, e o cara era todo devagar. Pô, se ele vira leão, ele

desiste. Pô, muito pesado ser um leão. Como Quebra Ferro, que fala, o cara que quebra ferro. E tinha Salário Mínimo, que era pequenininho... e era um gigante jogando. E aí, era Um Milhão, salário de um milhão é o salário do maior empresário do Brasil.

MCM: Mas aí tem essas contradições, porque Gigante também era um cara pequeno.

Mestre Camisa: Mas Gigante é Bigodinho na capoeira angola. Todo mundo lá passou a ser Gigante. Nego chamava ele de tudo quanto era nome. “Não, ele vai ser Gigante.” Aí o pessoal chamou ele de Gigante, era Bigodinho na capoeira angola. Era aluno de Cobrinha Verde.

MCM: Ele conta que o pessoal [falava]: “Vamo apresentar agora Gigante”, e o pessoal achando que...

Mestre Camisa: Então eu sou a favor do apelido desde que não avacalhe, caracterize, entendeu? Uma turma entra na academia, vem da rua o apelido avacalhado que ninguém consegue tirar. Às vezes eu boto o sobrenome. Teve aluno que chegou por causa da religião, essas coisas, aí o aluno era Cão, mas nego não liga Cão a cachorro, liga ao Diabo, filho do Cão, ou tá com a imagem do Cão. Tinha um caboco chamado Imagem do Cão aqui no Rio. Aí eu tirei Cão e botei Cancão. Aí ele ficou Cancão.

MCM: É que nem Negativo, ele botou Nego Ativo.

Mestre Camisa: Negativo parece que o cara é negativo, pra baixo. [...] O meu, Camisinha, Camisinha normal. Quando começou a AIDS, aquela coisa, camisinha, e coisa e tal, as pessoas ficavam com vergonha de me chamar Camisinha... Hoje [é] normal, chamava era Camisa, o Camisa, o Camisinha, muita gente chama de Camisinha porque eu era o menor. Aí virou Camisa. E tem o Camisa Segundo, que é mais velho do que eu, formado antes. Tem o Camiseta, que é meu primo; já meu irmão mais novo é chamado de Camiseta, apelidaram. E ele nem treinou com Mestre Bimba, que ele era criança, não chegou a conhecer Mestre Bimba e virou Camiseta. Tem dois Camiseta: um primo que é irmão de criação, que é Camiseta mesmo, e agora o Camiseta, meu irmão mais novo. E eu, Camisinha, que chamam de Camisa.

Toninho: Com que idade cê foi pro Bimba?

Mestre Camisa: Eu fui, rapaz, com 12 anos, acho que com 12 anos.

MRA: Levado pelo irmão, Camisa Roxa.

Mestre Camisa: É. Eu conheci ele mais novo, com nove anos. Fui lá voltei pra roça, depois comecei a morar em Salvador. [Com] 12, 13 anos, eu já tava treinando capoei-

ra na rua, aí me levaram.

MRA: Lá naquela casa, lá no primeiro andar?

Mestre Camisa: É. Ali e lá, ali era só treino.

Samba, batuque e carnaval

Mestre Camisa: Eu pratiquei muita capoeira aqui, joguei a minha vida profissional toda no Rio de Janeiro. Minha família, assim – filhos, mulheres –, e meu lado profissional eu devo todo ao Rio de Janeiro. Entendeu? E o contato com o samba, que eu tinha um contato com o samba, era do sertão, nem o samba de Salvador. Mas era o samba do sertão. Depois eu vi o samba de escola de samba de Salvador, depois teve o samba de roda. Samba do Recôncavo é samba de roda, que tinha o samba de roda nos conjuntos. Aí, quando eu cheguei no Rio, vi o samba de escola, de partido alto, esses vários tipos de samba. Então é ali que eu fui me aprofundando no universo de samba. Porque eu gosto de samba também. Componho samba, tenho vários sambas. Eu morei 13 anos na Mangueira, né? Morei no morro 13 anos, perto do Buraco Quente, ali no loteamento, abaixo da quadra, 25 a 30 anos atrás. Eu morei lá de 12 a 13 anos. Então conheci muito samba, conheci os sambistas, frequentei muito a Mangueira, desfilei na Mangueira quando o enredo tinha samba, quando o enredo pedia. Quando eu cheguei na barraquinha, eu tava há um ano aqui. [Começa a cantar] “Iaiá mandou ir à Bahia.” Preto Rico, o samba. Aí nesse ano a Mangueira ganhou, e eu desfilei no desfile dos campeões, que no dia do desfile eu não fui. Aí ela ganhou de novo, desfilei. Leopoldina, a turma toda. Depois desfilei na Portela, desfilei em várias escolas de samba quando o enredo pede. O samba se afastou da capoeira. O mestre-sala era capoeirista, conta a história, foi se afastando, né? Como na Bahia também, o batuque sumiu. Esses cruzo, cruzo hoje, movimento de canela, trava o cara embaixo, não se usa golpe antigo de batuque. Eu que resgatei pra botar na capoeira, que quase não se via isso. É movimento de batuque. Com a canela, travar a rasteira, travar os movimentos embaixo, queda de quatro, eu travo seu joelho, trava sua costela. Você fica sem ação, que é o movimento forte, que neutraliza os movimentos. Então, isso é da capoeira, do batuque, dos capoeiras, dos capoeiras bons, capoeiras batuqueiros, todos bons [que] derrubava eram batuqueiros, depois foram afastando.

Golpes desequilibrantes

Mestre Camisa: Aí derruba de barriga, derruba de canela. Derruba de coxa, derruba de rapa, raspagem. Então isso aí sumiu da capoeira, isso sumiu da capoeira. Capoeira angola mantém a rasteira em pé, só. Que a base da rasteira, joga todo tempo baseado na rasteira, depois cabeçada, único golpe desequilibrante deles. Boca de calça, em 100 jogos de angola você vê uma, que é outro golpe desequilibrante. Então, a rasteira em pé é única, não tem rasteira dentro. Só no pé, não tem a coxada, que tem de frente, que derruba muito mais traumatizante, entendeu?! Que é o golpe desequilibrante que foi sumindo. Isso tem no samba duro. Aí o *show* preservou. O *show* do Mestre Bimba, que tinha o samba duro. Canjiquinha também botava no *show* dele samba duro, e outros mestres não botavam samba duro como apresentação, entendeu? Hoje eu já boto “sambatuque”. Samba e batuque e capoeira, que é feita pelo capoeirista, que aí você planta, não planta, e dá só golpes desequilibrantes. E o cara planta, não pode pegar sem plantar, e ele não pode defender. Depois eu botei defendendo, você dá o corte, que é o desequilíbrio, e ele sai na hora. Não derruba, é a vez do outro. Pega a história da capoeira antiga, tem os balões. O golpe do balão, não explica qual. Vários. Às vezes, é embolação por falta de técnica, provoca o agarrão; mas, quando eu me aproximo de você, eu posso mostrar dez quedas aqui sem botar a mão em você. Você cai limpo, limpo, capoeira pura. Só com as pernas, a cabeça e [o] tronco e o cotovelo, bota o cara no chão. Você pode ter 100 quilos, 120, ou 60, sem usar força nenhuma, são os golpes que vêm do desequilíbrio, do desequilíbrio da capoeira e do batuque, que é o que tem no Rio de Janeiro, que é o samba, que eu ainda peguei no batuque, mas plantar e bandear. Você bandeia de frente, bandeia de lado, bandeia dando barrigada, bandeia dando coxada e bandeia dando canelada. Então, são várias formas da capoeira que se perderam. Que é o golpe principal da capoeira, é a cabeçada, por que eu vou ficar de guarda arriada? Eu fico aqui, do meu jeito, mas o pé protegendo, não é?! Então isso aí foi perdendo a marcialidade no sentido da luta. Então a capoeira foi embolando, não é a capoeira regional. Você vê a capoeira regional jogar, você não vai ver essa embolada. Capoeira influenciada pela regional, que não entenderam por que agarrando, embolando, dando golpe de outra luta, isso aí tá usando a capoeira como usa o golpe de capoeira. Tem vários movimentos de capoeira que tão usando em outra luta, tá entendendo? Então, como é mistura, a bateria da capoeira

é uma salada: berimbau vem de um canto, atabaque vem de outro, pandeiro veio de outro, o reco-reco veio de outro e o agogô veio de lá, uma salada, o ritmo é uma salada. E até chegar à capoeira é uma mistura de várias coisas, né?! A regional de Mestre Bimba é mistura da capoeira antiga, do batuque, da criatividade, melhorar os golpes em função das lutas pra melhorar o mercado de trabalho.

Capoeira e religião

Mestre Camisa: Eu não vinculo capoeira e religião, eu não vinculo. Eu não tenho religião, deixei de ser católico, tenho fé em Deus. Então não vinculo. Posso até cantar uma música que fala no orixá ou no santo católico, e coisa e tal, mas eu tento desvincular o máximo da coisa. Não tenha capoeira antigo, mas o jogo da capoeira e o berimbau não precisa ter. Espiritualidade tá em tudo, espiritualidade tá aqui. Mas eu não tô, eu não tenho. Se você associa, eu respeito, mas eu tenho todas as religiões aqui na escola. Então capoeira e religião são duas coisas diferentes pra mim. Cada capoeirista tem sua religião.

Embranquecimento da capoeira?

Mestre Camisa: Porque tem esse discurso aí que eu não gosto, de embranquecimento de toda cultura afro-brasileira, tá entendendo?! Agora, eu acho que a capoeira empreteceu muito mais o branco do que embranqueceu. Pô, eu conheço João Grande, conheço batuque, samba, conheço maculelê, conheço tambor de crioula e toco, canto, componho um monte de troço. Será que eu conheceria? E aí? Passei a entender e a gostar da cultura. Nasci no caldeirão, vários quilombos na região, tem várias coisas. Conheço culturas que a maioria não conhece. O batuque e o samba do sertão e outras coisas que tem lá. As rezas... Então, onde eu nasci, vim de um caldeirão. Gosto da cultura afro-brasileira. Então como que isso... Eu acho que os brancos estão empretecendo. Agora, embranquecimento, conversa fiada. Eu acho. Agora, as coisas sim foram se perdendo por algumas razões, pessoas entrando como a capoeira. A liderança, os mestres eram mais velhos, tinham sabedoria; quando foram botando os mais jovens, que se apresentam bem, joga bem, atrai usando os artifícios que tem hoje. Eles passaram a fazer falsas lideranças. Por isso que nego perdeu fundamento, perdeu respeito, perdeu liderança, perdeu várias

coisas, por quê?

Formas de jogo

Mestre Camisa: Então, normalmente eu tento, quando eu jogo com uma pessoa de angola, me recuar e jogar mais dentro das características da angola. Entendeu? A não ser que haja necessidade da gente disputar. Uma forma de reviver e exercitar minha mente e meu corpo de uma forma diferente. Mas eu já venho, há muitos anos, buscando uma forma de jogar diferente, até jogar no chão. Se você vê alguns vídeos, até na roda de Zé Pedro tinha uns mais velhos que eu. Jogo cinco ou dez minutos só no chão, em cima da negativa e rolê. É uma busca... Todo mundo levantava, subia, e eu não saía, proposital! Eu tava em busca de um jogo no chão diferente do jogo no chão que eu via no dia a dia da angola. Que esse jogo surgiu, até esse jogo que eu chamo de Benguela hoje, que é diferente de Banguela... Não tem nada a ver. Tem linguagem própria, com movimento próprio, vários movimentos diferentes, que não tem na angola e nem na regional. Inclusive o cruzo, que é um movimento que vem do batuque, que é jogado no chão, com jogo no chão.

MRA: Esse Benguela não tem nada a ver com Banguela?

Mestre Camisa: Banguela não. Benguela, o nome e o jogo, foi eu que criei. A Banguela é um jogo devagar que descia e subia, da regional, que praticamente foi acabando com a morte de Mestre Bimba. O nome parece a despertar, ninguém nunca viu. Nenhum de vocês nunca viu jogo de Banguela em lugar nenhum.

Fundamentos da roda

Mestre Camisa: Então eu faço uma roda aqui no Mercadinho [de São José, Laranjeiras] há mais de 25 anos. Quem é aluno novo, ele vai com uma camisa assim, mas eu peço pra todos irem sem uniforme, roupa do corpo, não pode jogar nu. Então essas rodas assim... A roda de Zé Pedro era uniformizada, era uniformizada, mas jogava também de roupa. Mas não era qualquer uma que ia jogar de roupa. Agora, jogava uniformizado. A roda de Artur [era] uniformizada.

MCM: As de rua não.

Mestre Camisa: As de rua, nenhuma. Então, eu vi a festa da Penha, a roda da Penha. Cordel, grupo. Grupo ainda pode até ir; mas, pô, se fosse assim, seria uma maravilha as rodas que tem na rua. Se tirasse o uniforme, seria uma grande contribuição para

a capoeira. Eu acho o branco, todo mundo ir de branco, por alguma razão eu acho bonito. Porque virou uma tradição. Capoeira joga com elegância, não bota o corpo no chão. Então já é uma tradição. Bonito, você não suja a roupa, isso é tradição. Pegar o objeto no chão com os pés fora do chão, tá entendendo?! Então, eu acho que isso é legal. É muito bonito, acho que deixa suave. Mas com a roupa do corpo é bonito.

MCM: Mas sem cordel, sem nada.

Mestre Camisa: Sem nada, só com a roupa do corpo. Agora o branco pode ser com cordel ou sem cordel. Tem branco que usa corda ou cordel, mas a roupa do corpo branca. Inclusive, os velhos aqui do Rio, quando eu levava pros meus eventos e eu falava [com a] velha-guarda do Rio de Janeiro, levei essa turma toda. Artur, Mucungê, Roque, Artur Emídio, Leopoldina, tudo de paletó branco. Roupa branca ou paletó branco. Todo mundo de paletó, terno, sapato. Produzia eles todos pra chegar assim, sem cordel, sem nada, bonito, quando joga é bacana. O branco se sobressai bastante. Mas Leopoldina ia de terno azul, terno rosa, terno vermelho, preto. Mas nessas festas que eu pedia, ia de branco só. Quando era velha-guarda, era todo de branco. Branco é bonito. Paletó branco dá uma elegância na capoeira, rapaz. Incrível, incrível. Não pode perder isso e não encostar o corpo no chão, isso é uma tradição. São fundamentos.

Capoeira no Brasil e no mundo

Mestre Camisa: Os estados que têm tradição é Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco. Um pouco em alguns lugares, Maranhão, Pará, algumas coisinhas assim. Mas que têm forte cultura de capoeira é Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, são esses estados. Capoeira se espalhou pelo Brasil inteiro com esse problema: cada um do seu jeito. Influência por ali, por aqui, outro do jeito dele, e ficou. O que tá acontecendo fora do Brasil é o que acontece no Brasil. Então o Brasil é culpado disso, foi aqui que começou a acontecer tudo isso. Agora, muitos estavam fazendo aqui do jeito que queriam. Os estrangeiros começaram a aprender e começaram a fazer, imitar o próprio brasileiro, fazendo do seu jeito lá. Muitos não podem reclamar disso, é ruim pra capoeira. A capoeira é do mundo. Eu ajudei a divulgar a capoeira no mundo. [São] 80 e tantos países no mundo. A capoeira me levou, não fui eu que levei a capoeira. Contribui de alguma forma, mas, pra essa coisa, deturpação, de qualquer maneira, tenho certeza que não colaborei e nem vou colaborar. Porque, da forma

que eu penso, da forma que eu trabalho, pra seguir o que eu faço, o estrangeiro tem que se abrigar, tem que entender a cultura brasileira, tem que falar a língua, português, pra ele se graduar na capoeira. Ele tem que entender a cultura brasileira, entender português e a capoeira; e vir sempre ao Brasil. É a forma que eu tenho de passar o conhecimento, que ele sinta, conviva aqui, pra captar o espírito, saber que a essência está aqui. Mas a capoeira é da humanidade, capoeira é do homem que pratica. Mas a capoeira internacional contribuiu bastante, tem ajudado a capoeira, ajudou principalmente os mestres que têm oportunidade de mostrar seu trabalho fora e tentar ter uma ajuda. Todos os mestres antigos, a maioria viajam pelo mundo, é o mercado de trabalho pra eles que não se abriu no Brasil. Então tem seu lado positivo também. Mas a necessidade, que não se justifica, faz muito se corromper. Que é uma pena, entendeu? Que é uma pena.